

Saigo no Jōkyaku

最後の乗客

A Última Passageira

Saymon F.

O vento cortante da noite me envolvia como lâminas invisíveis. Ao redor, apenas um silêncio esmagador e o brilho gélido da neve sob a pálida luz da lua.

Quanto tempo eu já estava ali? Dias? Meses? Décadas?

Eu caminhei até os trilhos, onde uma estação abandonada se erguia como um vestígio de algo perdido no tempo. Ali, fui obrigada a entender...

Não era apenas um lugar. Era uma prisão.

E eu era a única passageira desse mundo solitário.

— Miyo Sato, 2021



Jamais poderia ter imaginado que aquela pequena estação de trem em nossa cidade, Kyu-Shirataki, se tornaria um símbolo tão significativo em minha vida. Cresci em Engaru, uma cidade tranquila em Hokkaido, um lugar simples onde as montanhas cobertas de neve no inverno e os campos verdejantes no verão faziam parte do nosso cotidiano. A estação sempre esteve ali, uma presença constante, porém silenciosa, que poucos, além de mim, realmente notavam.

Eu me chamo Miyo Sato, e esta é a história de como uma simples estação de trem mudou minha vida e a daqueles ao meu redor. Quando penso em Kyu-Shirataki, me lembro de todas as manhãs geladas em que esperava pelo trem das 7:16, o vento frio me fazia abraçar o casaco mais apertado. O Sr. Nakamura, o chefe da estação, sempre estava lá, com um sorriso encorajador, mesmo nas manhãs mais frias. Mas minha jornada não se resumia apenas a ir à escola e voltar para casa; foi uma jornada de crescimento, desafios,

amizades e despedidas. Kyu-Shirataki foi o cenário de muitas memórias preciosas e, agora, ao olhar para trás, vejo como cada momento ali moldou quem sou hoje.

Agora, ao relembrar minha juventude em Engaru, sinto uma nostalgia profunda. Os dias que passei na estação, as risadas que compartilhei com meus amigos e toda aquela rotina diária, que parecia tão comum na época, hoje são lembranças preciosas. Aquela estação, com seu silêncio acolhedor e suas manhãs tranquilas, será para sempre um marco indelével em minha vida.

"Para aqueles que um dia tiveram que dizer adeus."



1

Era uma noite de tempestade quando voltava para casa. A chuva pesada e o vento balançavam o trem, mesmo enquanto ele se movia, e a fraca luz interna iluminava a mim e aos poucos passageiros restantes. O barulho ensurdecador dos trovões ressoava na atmosfera, e os relâmpagos iluminavam brevemente o exterior, enquanto a chuva intensa batia incessantemente nas janelas. Eu me encolhi em um banco, tentando me proteger do medo que se espalhava dentro de mim. Eu aguardava ansiosamente a chegada à minha estação enquanto sentia o cheiro da chuva se misturar com o odor metálico do vagão.

Finalmente, o trem parou na estação de Kyu-Shirataki. Vesti meu casaco, abri o guarda-chuva e desci. Fui a única a desembarcar naquela estação solitária, e logo o trem continuou sua viagem, deixando-me sozinha. O vento cortante e a chuva forte tornavam cada passo um sacrifício. A estação, normalmente acolhedora, parecia completamente desolada sob a chuva intensa.

Caminhei em direção à minha casa em meio à tempestade, lutando para segurar o guarda-chuva enquanto o vento ameaçava arrancá-lo das minhas mãos. A visibilidade era mínima; mal conseguia enxergar o que estava à minha frente. Meus pés afundavam nas poças, e o som da água batendo no guarda-chuva era ensurdecedor. Estava completamente molhada, e o peso do casaco encharcado era um teste para minha resistência. Meus cabelos grudavam em meu rosto, cada passo produzia um som de "squish", e eu podia sentir a água gelada infiltrando-se em minhas botas. O vento assobiava em meus ouvidos, e a chuva fria escorria pelo meu pescoço, fazendo-me estremecer.

Depois de alguns minutos de caminhada, passei em frente a uma loja de conveniência. A luz branca da vitrine parecia um refúgio em meio à escuridão turbulenta. Antes de entrar, quase fui atropelada por dois jovens que saíam correndo da loja, sem proteção, tentando se molhar o mínimo possível.

— Ei, cuidado! — gritei, mas eles já estavam longe.

Fechei meu guarda-chuva e entrei no local. O ar quente e seco foi um alívio imediato, dissipava um pouco

da umidade que parecia impregnar meus ossos. Olhei para o relógio e vi que eram 23:30. O rapaz do caixa estava adormecido na cadeira, e a loja estava deserta. As luzes fluorescentes zumbiam levemente, iluminando as prateleiras organizadas.

Fui até a geladeira e avistei uma bebida que era o lançamento sobre o qual todos os meus amigos estavam falando: um smoothie coreano de leite, baunilha e banana. No entanto, ao ver o preço de 375 ienes, desanimei. Com um suspiro, optei por algo mais acessível, um chá de frutas vermelhas que custava 187 ienes. Peguei o produto de dentro da geladeira e dirigi-me ao caixa. Coloquei a bebida no balcão enquanto tentava acordar o rapaz, que estava profundamente adormecido.

— Com licença, senhor... — chamei, inclinandome lentamente sobre o balcão. Mas ele não respondeu.

Depois de algumas tentativas, percebi que ele estava profundamente adormecido. Com um suspiro, coloquei as moedas correspondentes ao valor da minha compra no balcão, ao lado da registradora, e saí da loja com a minha bebida.

No caminho de volta para casa, a tempestade continuava a castigar o vilarejo. Eu segurava o guarda-chuva com uma mão enquanto tentava beber com a outra, mas a combinação de vento forte e chuva intensa dificultava até as tarefas mais simples. De repente, um carro passou velozmente por uma grande poça ao meu lado, lançando uma torrente de água em minha direção. O impacto me desestabilizou, e, sem conseguir manter o equilíbrio, caí. Minha bebida se espalhou pelo chão e meu guarda-chuva foi levado pelo vento, deixando-me completamente desamparada sob a chuva torrencial.

Sentada no chão, derrotada e encharcada, observei minha bebida se esvaindo da garrafa, enquanto o vento levava meu guarda-chuva para longe. Levantei-me com dificuldade, e continuei a jornada até minha casa, agora totalmente desprotegida, ensopada e tremendo de frio. A sensação de desamparo aumentava cada vez mais enquanto eu avançava, mas a necessidade de chegar ao meu destino me impelia a seguir em frente.

Durante a caminhada, meus pensamentos se perdiam em questionamentos angustiantes. “Por que essas coisas acontecem comigo?” perguntei a mim mesma, ao mesmo tempo que sentia as lágrimas se

misturarem à chuva em meu rosto. Cada gota que caía parecia amplificar minha sensação de desamparo e solidão, transformando a chuva em um espelho das minhas próprias emoções.

Depois de uma caminhada exaustiva, finalmente cheguei em casa. Tirei minha jaqueta e botas no *genkan*, e ao entrar, murmurei:

— *Tadaima.*

O ambiente estava quase totalmente escuro, exceto pela luz da TV que emanava da sala. Caminhei calmamente pelo corredor da entrada e pude ver meu pai adormecido no sofá, com a TV ainda ligada. Ele parecia exausto, com as rugas em seu rosto suavizadas pelo sono. Às vezes, eu me perguntava como ele conseguia lidar com tudo - o trabalho, cuidar da mamãe, e ainda se preocupar comigo. Queria poder fazer mais por ele, aliviar um pouco desse peso. Os roncos suaves dele e as sombras dançantes das luzes na parede criavam um ambiente de paz e solidão. Resolvi subir as escadas com cuidado para não fazer barulho, e no caminho, vi na cozinha os restos do jantar ainda sobre a mesa e pensei “Duvido que tenha sobrado alguma coisa pra mim!”.

Já no segundo andar, estava muito apertada e corri em direção ao banheiro. Mas ao abrir a porta, ouvi um grito repentino:

— Ôh, não tá vendo que tem gente?

Envergonhada, fechei a porta rapidamente, enquanto ouvia meu irmão resmungar:

— Sua pervertida... Quer ver seu irmãozinho sem roupa no banheiro, né?

Do lado de fora, cheia de raiva, pensei: “O que esse moleque está fazendo aqui a essa hora? Não deveria estar dormindo? Por que ele está com a porta destrancada?”. A espera parecia eterna, e a cada segundo que passava, minha frustração aumentava.

Cansada, sentei-me no chão ao lado, enquanto esperava meu irmão sair. Quando ele finalmente abriu a porta, disse-me com um sorriso debochado:

— Pode usar, mana. — Ele passou por mim como se nada tivesse acontecido.

Aborrecida, levantei-me e entrei. Tirei minhas roupas ensopadas e lavei-me. A água quente era um alívio, lavava o frio e a frustração do dia. Depois, entrei na banheira e deixei a água quente me envolver. Fechei os olhos, na tentativa de encontrar algum conforto, mas

meus pensamentos estavam cada vez mais tumultuados e sombrios. “Por que tudo tem que ser tão difícil? A saúde da minha mãe piora a cada dia, e não sabemos como pagar pelas suas consultas. Sempre que a vejo sofrer, sinto uma impotência esmagadora. E na escola, parece que a pressão nunca diminui. As notas, as expectativas... Às vezes, sinto que vou explodir.”

Encostei a cabeça na borda da banheira, e deixei o vapor embaçar meus pensamentos. “Hoje, até mesmo a chuva pareceu conspirar contra mim. A única bebida que pude comprar o dia todo foi derramada no chão, e meu guarda-chuva foi levado pelo vento... É como se o universo estivesse rindo de mim.”, “E meu irmão? Será que ele percebe o quanto estou me esforçando? Será que alguém percebe? Não sei por quanto tempo mais posso aguentar. Estou cansada de fingir que tudo está bem. Só queria desaparecer, sumir por um tempo.”

Fechei os olhos novamente. As lágrimas escorriam pelo meu rosto até se misturarem com a água da banheira. Eu queria tanto um momento de paz, um alívio das preocupações que me esmagavam. Mas sabia que isso era um luxo que não podia me permitir. Lembrei-me de quando eu e meu irmão éramos crianças;

minha mãe era saudável e sempre sorria, preparava o jantar com esmero enquanto meu pai chegava do trabalho. A casa sempre estava cheia de risos e brincadeiras. Agora, aquele calor familiar parecia tão distante, substituído por preocupações e incertezas.

Após quase ter tido meu corpo diluído em água com doses de angústia, abri a porta do banheiro, e todo aquele vapor começou a sair de lá. Envoltos apenas em uma toalha, fui para o meu quarto. Eu mal tinha forças para acender a luz, então apenas vesti meu pijama e caí exausta na cama, depois de um dia tão difícil.



O despertador tocou às 6:00 da manhã, espalhando um som insistente pelo meu quarto. O sol já

nascia, iluminando o meu quarto com seus raios dourados. A tempestade da noite anterior havia limpado o céu, prometendo um dia ensolarado. Meus olhos abriram com dificuldade, ainda cansados. Levantei-me da cama, capengando, ainda sentindo os músculos rígidos e a mente pesada. O quarto estava um completo caos: livros espalhados, roupas amontoadas, calcinhas jogadas pelo chão. A desordem daquele lugar entrava em acordo com meu estado de espírito.

Como sempre, acordei apertada, então a primeira coisa que fiz foi sair apressadamente do meu quarto em direção ao banheiro. No caminho, passei pelo quarto dos meus pais. A porta estava entreaberta, então espreitei de relance e vi aquela cena de cortar o coração: minha mãe inerte na cama, cercada pelos aparelhos que monitoravam sua saúde. Os bipes constantes serviam para mim como um lembrete doloroso de sua fragilidade. Senti um nó na garganta, mas continuei.

No banheiro, liguei a torneira e deixei a água escorrer pelas minhas mãos antes de lavar o rosto, pois o choque térmico ajudava a me despertar. “Mais um dia, Miyo. Você consegue. Só mais um dia.”, falei para mim mesma, enquanto encarava meu reflexo no espelho. “Eu

preciso ser forte. Pela mamãe. Pelo papai. Pela minha família.”. Cada pensamento de motivação fazia minhas mãos se moverem quase que automaticamente para cumprir minha rotina matinal. Alguns minutos depois, com o rosto lavado e os dentes escovados, voltei ao quarto para me arrumar.

Vesti meu uniforme escolar: o tradicional blazer bege, saia plissada e camisa branca. Enquanto isso, ouvia os sons familiares vindos da cozinha. Meu pai, Daichi, estava preparando arroz, e meu irmão mais novo, Yuto, arrumava a *chabudai*.

— Miyo! O café está pronto! — chamou meu pai.

— Já vou! — respondi, ajustando o zíper da saia em frente ao espelho.

Desci as escadas, ainda ajustando meu uniforme, enquanto o aroma de arroz recém cozido se espalhava pelo corredor mal iluminado. Ao chegar na cozinha, me sentei no *zabuton* enquanto sentia o chão frio sob meus pés descalços. Olhei para a mesa e suspirei ao ver os familiares *onigiris*. A mesma refeição de sempre. A rotina repetitiva começava a pesar em meus ombros, tornando-se um fardo cada vez mais difícil de ignorar.

— Miyo, não fique assim. Eu preparei esses *onigiris* com muito amor e dedicação. — disse meu pai, tentando me animar.

Sorri levemente, sentindo uma pequena dose de afeto e felicidade nas palavras dele. Apesar de enfarada, eu comi aquele *onigiri* com gosto, enquanto Yuto reclamava da comida.

— Estou sem fome. — disse ele, levantando-se. Resmungou enquanto se dirigia à entrada: — Não aguento mais comer *onigiri* todo santo dia.

Na entrada, calçou os sapatos, pegou sua mochila e, com um tom de resignação, disse:

— *Ittekimasu.*

Meu pai ficou desanimado com a atitude do filho, e eu, envergonhada, também disse que precisava ir para a escola.

— Já estou atrasada, pai.

— Está bem, filha. — respondeu ele, pegando minha mochila.

Peguei a mochila das mãos do meu pai e, seguindo os passos do meu irmão, fui até a entrada, calcei os sapatos e saí de casa.

— *Ittekimasu.*

— *Itterasshai*. — respondeu meu pai, acenando para mim.

Lá fora, a brisa fresca da manhã trouxe consigo o cheiro da terra molhada e o canto melodioso dos pássaros, uma sinfonia natural que sinalizava um novo começo. O sol, ainda baixo no horizonte, lançava longas sombras ondulantes pelas ruas de Engaru, pintando a cidade com um brilho dourado. A alegria de um dia ensolarado começou a penetrar em meu coração, dissipando a melancolia da noite anterior. Caminhei um pouco mais confiante, tentando me manter positiva.

O caminho até a estação era familiar, com casas tradicionais e jardins bem cuidados. Cumprimentei alguns conhecidos pelo caminho, pessoas que conhecia desde sempre, pois minha família morava na mesma casa há gerações. Passei em frente à conveniência da noite passada e senti uma vontade enorme de comprar uma bebida refrescante. No entanto, ao lembrar dos meus bolsos vazios, o desânimo tomou conta. Com um suspiro resignado, continuei o meu caminho, que estava a apenas alguns minutos de caminhada.

Ao chegar, encontrei a estação deserta, exceto pelo Sr. Nakamura, que estava na guarita, observando a

plataforma vazia com seu olhar atento e gentil. O ar lá estava fresco, com uma leve fragrância das flores que cresciam ao redor.

— Bom dia, senhorita Miyo! Espero que se esforce bastante na escola hoje! — disse ele em voz alta, com um sorriso caloroso que divergia com o ar frio da manhã.

— Bom dia, senhor Nakamura! Vou me esforçar! — respondi, aquecida pela gentileza em suas palavras.

O Sr. Nakamura era muito mais do que o chefe da estação para mim. Ele tinha uma presença quase paternal em minha vida. Sempre me observava com um olhar cuidadoso, sabendo das lutas da minha família, da doença da minha mãe e da dedicação incansável dos meus pais em garantir que eu tivesse um futuro promissor. Nakamura, sendo um homem de poucas palavras, transmitia sabedoria através de seus gestos simples. Ele acreditava profundamente no valor da perseverança, e me oferecia, silenciosamente, o apoio que muitas vezes eu não conseguia pedir em casa.

Sentei-me no banco em frente à cabana de madeira para aguardar a chegada do trem. Sem a pressão de alguma ação imediata, deixei meus pensamentos vagarem. Mesmo com todos os problemas, ainda

sonhava em ser médica. Imaginava-me salvando vidas, oferecendo o cuidado que minha mãe tanto precisava. Essa era a motivação que me fazia estar sempre naquela estação, faça chuva ou faça sol, para um dia poder me formar e alcançar meus objetivos.

Aguardei alguns minutos até o relógio marcar 7:16, quando o trem finalmente chegou. Despedi-me do Sr. Nakamura e entrei no vagão, que estava quase vazio, com apenas alguns passageiros dispersos. Sentei-me num banco no canto, e à medida que o trem partia, o som suave do movimento gradual misturava-se com a música em meus fones de ouvido enquanto eu revisava a lição de casa.

Alguns minutos depois, o trem parou em um distrito vizinho. Meus amigos, Rina e Takeshi entraram no mesmo vagão que eu como de costume. Logo que me viram no fundo, vieram até mim para me cumprimentar.

— Bom dia, Miyo! — exclamou Rina, com sua energia contagiante.

— Bom dia, Rina, Takeshi! — respondi, retirando os fones de ouvido e sentindo um calor acolhedor com a presença deles.

— Como foi a noite passada? — perguntou Takeshi, sentando-se ao meu lado com seu jeito despreocupado.

— Bem... tumultuada. — Respondi, tentando sorrir, mas lembrando da tempestade e do caos interno que sentia.

— Tumultuada? Com essa tempestade? — Rina riu. — A minha também foi, fiquei sem energia a noite toda!

— E o seu irmão, Miyo? Continua reclamando? — perguntou Takeshi.

— Ah, como sempre. — Respondi, rindo um pouco. — Ele não aguenta mais comer *onigiri*.

Eles riram comigo, e por um momento, senti que o peso que me perseguia acabara de ficar menos intenso. Nossa conversa fluiu sobre os acontecimentos do dia anterior, com Rina sempre brincalhona e Takeshi mais despreocupado.

Enquanto o trem se aproximava da estação de Asahikawa, o som da cidade começou a surgir ao fundo, misturado ao ranger suave dos trilhos. Quando as portas se abriram, fomos recebidos por uma lufada de ar fresco,

trazendo consigo o aroma da manhã na estação, e começamos a caminhar em direção à escola.

O sol, ainda baixo no horizonte, projetava sombras longas pela calçada. As ruas começavam a se encher de vida, com carros passando e as pessoas indo para o trabalho. O som dos pássaros ao longe se misturava ao barulho dos nossos passos. O dia estava apenas começando, e apesar da leveza da companhia dos meus amigos, eu não podia evitar de sentir uma inquietação no fundo do meu coração.

Rina, enérgica, começou a falar sobre seus planos para entrar na Universidade de Tóquio.

— Eu sei que vou conseguir! — disse ela, confiante.

— Ah, lá vem você de novo com esse papo. — Zombou Takeshi, num tom esportivo e amigável.

— Ei! Não zombe dos meus sonhos! — retrucou Rina, com um sorriso sincero no rosto.

Eu, sempre mais distante, estava imersa nos meus pensamentos conturbados. Rina, ao perceber, parou na minha frente, segurando meus ombros.

— Miyo, eu sei dos problemas que você passa em casa, mas não pode deixar isso te abalar. Hoje temos aula

de educação física e precisamos ganhar a corrida da classe para termos direito à semana de refeição grátis na escola!

Takeshi, ao ouvir, começou a fingir que estava correndo.

— Eu vou ganhar essa competição para vocês! — disse ele, sorrindo.

Olhei para meus amigos e ri, enquanto minha voz interna dizia que eu os amava. Mesmo que eles se importassem comigo, eu não conseguia esquecer meus problemas.

Chegamos à escola às 8:14. Na entrada, encontramos colegas da mesma classe e de outras. Alguns conhecidos, outros nem tanto. Uns se cumprimentavam, outros apenas passavam. O ambiente estava cheio de energia juvenil, risos e conversas animadas. Dirigimo-nos aos armários onde trocávamos os sapatos pelos nossos *uwabaki*.

Enquanto me trocava, Rina, sempre atenciosa e observadora, percebeu algo e me chamou discretamente:

— Miyo, sua meia está rasgada. — Sussurrou discretamente, apontando para minha meia, que tinha um pequeno buraco no calcanhar.

Senti meu rosto corar instantaneamente, juntamente com um misto de vergonha e impotência que me inundou. Mas Rina, sempre atenciosa, sugeriu com um sorriso compreensivo:

— Vamos ao banheiro, eu tenho um par de meias extras na mochila.

Agradei com um aceno de cabeça, e seguimos para o banheiro. Lá, enquanto trocava minhas meias pretas por um par branco que Rina me emprestara, aproveitei para desabafar.

— Rina, às vezes sinto que estou à beira de um colapso. — Desabafei, enquanto as calçava em meio aquele banheiro pequeno e abafado. — É como se tudo estivesse desmoronando ao meu redor. Ver minha mãe tão frágil, lutar com as finanças da família, tentar manter as notas da escola... Eu me pergunto quanto tempo mais consigo aguentar tudo isso.

Rina, atenta aos meus sentimentos, colocou a mão no meu ombro enquanto seus olhos se enchiam de compreensão.

— Amiga, eu sei que é difícil. Mas você não está sozinha. Estamos todos aqui por você. E sua força é admirável. Nunca se esqueça disso.

— Às vezes, sinto que não sou forte o suficiente, Rina. — Minha voz tremia. — Mas ouvir isso de você realmente ajuda.

— Ei, é para isso que servem os amigos, certo? — Rina disse dando um tapinha no meu ombro, um gesto que transmitia força e conforto. — E olha, sua mãe vai ficar bem. Eu sei que é difícil ver isso agora, mas não perca a esperança. Você é mais forte do que pensa.

Eu sorri, sentindo uma pequena onda de alívio.

— Obrigada, Rina. Você é a melhor amiga que alguém poderia ter.

Rina sorriu para mim enquanto seus olhos brilhavam. — Eu sei que você faria o mesmo por mim. Às vezes, é importante lembrar que temos uns aos outros.

Essas palavras penetraram em meu coração. Senti um calor reconfortante se espalhar pelo meu peito, como se a bondade de Rina fosse um bálsamo para minhas preocupações.

Antes que pudéssemos continuar a conversa, o sino da escola tocou, interrompendo-nos. Nos apressamos para sair do banheiro, caminhando rapidamente pelos corredores movimentados. Enquanto andávamos, ouvíamos as conversas e as risadas dos

demais alunos entrando em suas salas. Alguns minutos depois, chegamos à porta da sala 1-C, um pouco ofegantes, mas a tempo. Entramos e nos dirigimos para nossos lugares, logo seguidos pelos outros colegas.

Depois de alguns instantes, um grupo de garotos entrou, liderados por Hiroshi Nakamura, filho do dono da Japan Rail Hokkaido. Assim que passaram pela porta, começaram a zombar de mim e dos meus amigos por nossa condição financeira.

— Olhem lá! A turma dos pobres... — disse Hiroshi, com um sorriso de superioridade e um tom de voz carregado de desprezo. — Vocês não podem frequentar os mesmos lugares que a gente! Mal conseguem se vestir decentemente...

Rina imediatamente se irritou e retrucou:

— Cala a boca, Hiroshi! — disse ela, com o rosto vermelho. — Ou você vai levar uma surra!

Hiroshi olhou para ela com desdém, balançando a cabeça.

— Calma, Rina. Não vale a pena. — disse Takeshi, tentando separar a briga.

Hiroshi deu uma risada seca e continuou:

— Melhor ouvir seu amigo, garota. — disse ele. — Vocês não têm o que é preciso para competir com a gente. Olhem para vocês, se vestem com roupas remendadas e vivem de sobras. O que vocês sabem sobre vencer na vida?

Eu me encolhi na cadeira, as palavras de Hiroshi atingiram meu ponto fraco. Rina deu um passo à frente, mas eu a segurei pelo braço e balancei a cabeça enquanto dizia:

— Não vale a pena, Rina. — disse, com minha voz baixa, mas firme. — Vamos nos concentrar nos nossos objetivos, não neles.

Hiroshi, ainda com um sorriso sarcástico, acrescentou:

— É isso mesmo, foquem nos seus “objetivos”. Talvez um dia vocês possam comprar um uniforme novo em vez de usar remendos. Até lá, vão continuar sendo perdedores.

Hiroshi e seus seguidores começaram a rir. Rina mal conseguia conter sua raiva, enquanto eu me encolhia cada vez mais em minha cadeira.

De repente, todos se sentaram rapidamente ao perceber que o Sr. Fujimoto estava prestes a entrar na

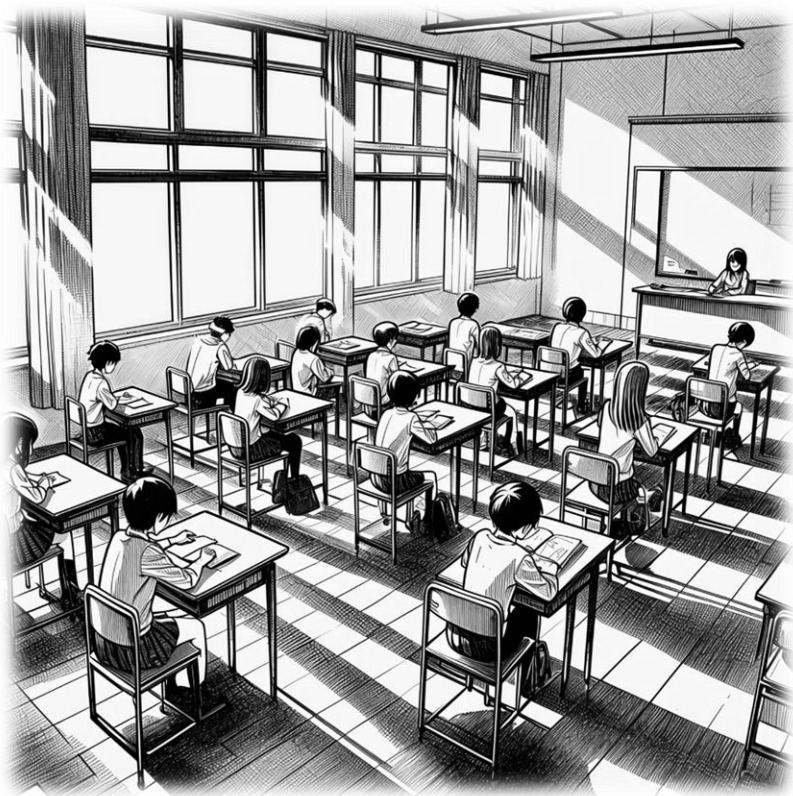
sala. Conhecido por ser um professor rígido e exigente, ele entrou com passos firmes, e todos os alunos se levantaram em um movimento sincronizado para cumprimentá-lo.

— Bom dia, classe.

— Bom dia, Sr. Fujimoto. — Respondemos em uníssono, com nossas vozes ressoando pela sala.

O Sr. Fujimoto, com sua presença imponente, pediu para o representante da classe passar os recados do dia. O silêncio na sala era quase tangível, pois todos prestavam atenção com respeito e um leve temor. Após os recados, o professor iniciou a aula, estabelecendo imediatamente um ambiente de concentração e disciplina.

E assim, mais um dia de desafios e aprendizados começava, com todos nós cientes das expectativas rigorosas do professor e determinados a dar o nosso melhor.



A sala estava iluminada pelos raios suaves do sol da manhã, o que criava um contraste marcante com as

sombras das carteiras organizadas em fileiras. O ambiente tinha um ar sereno, mas a tensão das provas do meio do ano pairava no ar, invisível, porém perceptível.

Logo após o início da aula, o Sr. Fujimoto começou a distribuir folhas de papel, explicando que cada aluno deveria escrever sobre seus sonhos e objetivos após a formatura. Então o silêncio se instalou na sala, interrompido apenas pelo farfalhar das folhas e pelo som dos passos do professor.

Peguei a minha com as mãos trêmulas, tentando não chamar a atenção para o meu nervosismo. As folhas, brancas e lisas, pareciam pesar uma tonelada nas minhas mãos suadas. Olhei para o papel e pude sentir o peso das expectativas e dos meus próprios medos.

Hiroshi, sentado na fileira ao lado, um pouco mais atrás, não perdeu a oportunidade de zombar. Ele se inclinou para frente, e em um tom baixo, mas cheio de malícia, sussurrou:

— O que vai escrever, Miyo? Que seu sonho é continuar na sua cidadezinha e virar dona de casa?

Meu coração se apertou com essas palavras, como se uma mão invisível estivesse esmagando-o. As

lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto, quentes e silenciosas, enquanto eu tentava desesperadamente me controlar. Sentia uma mistura de raiva, vergonha e tristeza se acumulando em meu peito, um combo sufocante de sentimentos.

Rina, ao ver meu rosto trágico, cerrou os punhos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Ela se inclinou para trás, e em um tom baixo, mas carregado de ameaça, sussurrou para Hiroshi:

— Se você fizer a Miyo chorar de novo, eu juro que vou arrebentar a sua cara! — murmurou, com a voz suficientemente alta para que ele pudesse entender o recado.

Hiroshi, notando a fúria de Rina e vendo o professor se aproximar, recuou. Ele pegou sua folha de papel com relutância, tentando não chamar mais atenção. Seus olhos evitavam os de Rina, e ele murmurou algo inaudível, desviando o olhar.

O som dos lápis arranhando o papel e o ocasional suspiro pesado eram os únicos ruídos na sala, e naquele momento, a minha mente estava um turbilhão. Lamentava-me internamente sobre a situação de minha mãe, a provocação cruel de Hiroshi, e meu futuro incerto.

De repente, senti meu celular vibrar. Era uma mensagem de texto do meu pai: *“Sua mãe teve uma piora repentina. Ela vai precisar ficar no hospital sob constante vigilância e não vai mais ficar em casa. Vou acompanhar ela e só voltarei pela manhã. Faça o jantar.”*

Meu coração afundou ainda mais ao ler essas palavras. Coloquei minha cabeça sobre a mesa para encarar a folha de papel em branco. Meu punho esquerdo estava cerrado, enquanto a mão direita segurava um lápis de forma trêmula. Meus cabelos caíam sobre meu rosto, o que dificultava minha visão. Eu estava imersa em um conflito interno profundo. “Eu preciso ser forte”, disse a mim mesma, tentando encontrar algum resquício de coragem, mas a incerteza e o medo me dominavam completamente.

Enquanto todos os alunos escreviam seus planos, eu permanecia travada, encarando a folha sem saber como começar. O som dos lápis correndo pelo papel servia apenas para aumentar a minha ansiedade. O professor, ao perceber minha hesitação, se aproximou com um olhar preocupado.

— Está tudo bem, Miyo? — perguntou ele, gentilmente.

Saí do meu transe e virei-me para ele, forçando um sorriso fraco.

— Está tudo bem, professor. — Respondi, tentando soar convincente, mas minha voz traía a insegurança que eu sentia.

Ele assentiu levemente e se afastou, deixando-me à mercê das minhas emoções. Depois de alguns minutos de luta interna, respirei fundo e escrevi algo na folha, embora minhas mãos ainda tremessem.

Logo depois, o professor anunciou que chamaria aleatoriamente os alunos para compartilharem seus sonhos. O primeiro nome a ser chamado foi Takeshi. Ele se levantou confiante e caminhou até a frente da sala com um sorriso grande no rosto.

— Bom dia a todos. Meu sonho... — começou ele, com um sorriso que refletia sua confiança. — Na verdade, eu não quero fazer uma faculdade. Eu quero viajar pelo mundo, conhecer novas pessoas e culturas.

Imediatamente, a sala se encheu de murmúrios e cochichos. Alguns alunos trocaram olhares intrigados, enquanto outros franziram a testa em desaprovação.

No fundo da sala, Hiroshi não perdeu a oportunidade de zombar.

— E de onde você vai tirar dinheiro para viajar o mundo? — perguntou ele, com um tom de escárnio.

A classe explodiu em risadas, os ecos de zombaria pareciam encher o ambiente. Takeshi, embora momentaneamente abalado, manteve sua postura confiante.

— Silêncio, todos! Obrigado, Takeshi. Pode voltar ao seu lugar. — Interveio o professor, com um aceno firme, silenciando as risadas e restabelecendo a ordem na sala.

Takeshi assentiu e retornou ao seu lugar, ainda com o sorriso resiliente no rosto, mas agora com um brilho desafiador nos olhos.

Logo que Takeshi se sentou, o professor me chamou. Eu estava absorta, debruçada sobre minha carteira, perdida em mágoas profundas. Quando o ouvi repetir meu nome, dei um pulo, e com as mãos trêmulas, peguei minha folha para ir até a frente. Alguns alunos, especialmente Hiroshi e seu grupo, soltaram risadas abafadas.

Cheguei na frente da sala, mais tímida que Takeshi, e cumprimentei a classe com um leve aceno de

cabeça. Meus olhos varreram a sala rapidamente, tentando evitar os olhares curiosos e julgadores.

— Meu sonho é... — Comecei, mas as lágrimas começaram a encher meus olhos. A pressão dos sentimentos sufocava minhas palavras, minha garganta se fechava e eu mal conseguia respirar. As memórias de minha mãe no hospital e as preocupações com o futuro tomavam conta de mim.

O professor, ao perceber meu desconforto, se aproximou. Ele olhou para o que estava escrito na minha folha e sua feição mudou imediatamente, seu olhar se encheu de compaixão.

— Está tudo bem, Miyo. Pode voltar ao seu lugar. — disse ele, suavemente, tentando me confortar.

Comecei a andar em direção ao meu assento, enquanto os olhares dos meus colegas me seguiam. Eles não entendiam o inferno interno que eu estava passando. Cada passo era uma luta para segurar as lágrimas e não desabar em choro no meio da classe.

Enquanto me sentava, tentava recompor minhas emoções, mas os pensamentos de medo e incerteza continuavam a me assolar. Senti um nó na garganta e

uma pressão no peito, mas respirei fundo, decidida a continuar.

O professor então chamou Hiroshi. Ele caminhou até a frente com uma confiança arrogante, seus passos eram firmes e seguros, e ele mantinha a cabeça erguida com um sorriso presunçoso.

— Meu objetivo! E não sonho, porque já está certo, é ser o próximo dono da Japan Rail Hokkaido, herdada do meu pai. Vou colocar a empresa nos trilhos e acabar com as linhas de trem problemáticas e que dão prejuízo. — Declarou Hiroshi, com uma voz cheia de convicção.

Alguns alunos, principalmente seu grupo, o aplaudiram entusiasticamente, enquanto ele, com um sorriso soberbo, voltava para seu lugar antes mesmo de receber a ordem do professor. A sala estava dividida entre os que admiravam a confiança de Hiroshi e os que, como eu, se sentiam incomodados com sua arrogância.

Ao presenciar mais uma vez a rebeldia de Hiroshi, o professor balançou a cabeça, claramente desapontado, e disse:

— Vamos continuar, desta vez irei chamar vocês por ordem de chamada. Akane Yamamoto, por favor.

A classe ficou em silêncio, enquanto Akane se levantava nervosamente de seu assento.

Ela foi até a frente e compartilhou seu sonho. Eu mal prestei atenção, sua voz parecia distante, abafada pelos meus próprios pensamentos. Tudo o que conseguia pensar era na imagem da minha mãe no hospital e na constante preocupação que me consumia. Sentia-me como se estivesse dentro de uma panela de pressão prestes a explodir.

Depois de todos os outros alunos compartilharem seus sonhos, o que levou uns bons minutos, o sino tocou, soando como um alívio imediato para mim, e aparentemente, para os demais. A sala se encheu de murmúrios e do barulho de cadeiras sendo empurradas. Levantei-me lentamente, pois o peso das emoções era difícil de suportar.

Rina se aproximou de mim e disse enquanto pegava as minhas mãos.

— Vamos lá fora pegar um ar? — sugeriu ela, com um sorriso reconfortante.

Concordei com a cabeça, e nós três — Rina, Takeshi e eu — saímos da sala. Enquanto caminhávamos pelos corredores movimentados, a brisa do intervalo

começava a aliviar um pouco da tensão que eu sentia. Fomos para o pátio, onde o sol brilhava intensamente, criando um contraste com a sombra das árvores que ofereciam um alívio do calor. Encontramos um lugar tranquilo sob uma grande árvore. O vento balançava levemente as folhas, o que criava um som relaxante. Todos nós nos sentamos, e Rina e Takeshi começaram a abrir seus *obentôs*.

Observei, com um nó na garganta outra vez, enquanto eles desembulhavam cuidadosamente os lanches preparados em casa. Meu estômago roncou em resposta, mas minha mochila estava vazia. Com os problemas em casa e a falta de dinheiro, não havia comida suficiente para preparar um *obentô*.

— Miyo, você não trouxe nada hoje? — perguntou Rina, ao notar minha hesitação.

— Não... — respondi, sussurrando. — Estamos com pouca comida em casa.

Rina e Takeshi trocaram olhares. Sem dizer uma palavra, Rina partiu seu *onigiri* ao meio e ofereceu metade para mim. Takeshi fez o mesmo com seu *tamagoyaki*.

— Aqui, Miyo. Vamos dividir. — disse Rina, sorrindo gentilmente.

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas diferente de poucos minutos atrás, aquelas lágrimas eram de gratidão. Peguei os pedaços de comida com as mãos trêmulas e murmurei um "obrigada" quase inaudível.

Enquanto comíamos, eu podia sentir os poucos raios de sol que penetravam por entre os galhos da árvore aquecer a minha pele, ao mesmo tempo que apreciava o carinho dos meus amigos. O peso do mundo parecia um pouco mais leve com eles ao meu lado. Conversamos sobre coisas triviais, tentando afastar as sombras dos nossos problemas.

Olhando ao redor, vi que o pátio estava cheio de vida. Alguns alunos jogavam futebol, rindo e gritando a cada gol. Hiroshi e seu grupo estavam no campo, exibindo suas habilidades com destreza. Outros grupos de garotas estavam sentadas sob outras árvores, conversando e rindo, enquanto alguns alunos se reuniam em torno de mesas de piquenique, compartilhando seus lanches e histórias do dia. Alguns carros saíam do estacionamento da escola, e os motores

roncavam suavemente ao se afastarem. O som dos pneus no asfalto e o zumbido distante da cidade criavam um pano de fundo constante. Pude ver também professores caminhando pelo pátio, observando os alunos com sorrisos nos rostos.

A brisa leve trouxe um aroma fresco de grama recém cortada e flores, que se misturava ao cheiro dos diferentes tipos de comida que os alunos tinham trazido. O ambiente era tão familiar que cada detalhe parecia mais nítido naquele momento de calma. Olhei para meus amigos, Rina e Takeshi, e percebi o quanto eles significavam para mim, pois sem eles, a jornada seria insuportável.

— Eu realmente agradeço... — disse, com a voz ainda trêmula. — Não sei o que eu faria sem a ajuda de vocês.

Rina sorriu e pegou minha mão outra vez.

— Estamos juntos nessa, Miyo. Sempre estaremos aqui com você.

Takeshi assentiu com um olhar firme e confirmou:

— E vamos juntos encontrar uma solução para tudo. Confie em nós.

Esse momento, compartilhado sob a sombra da árvore, me deu forças para continuar. Sabia que não estava sozinha, e isso fazia toda a diferença.





Depois de um tempo imersos em nosso lanche, o sino tocou outra vez, o que anunciava o fim do intervalo. O pátio se encheu de murmúrios e da movimentação dos alunos retornando para suas salas. Eu, Rina e Takeshi, que estávamos sentados sob uma grande árvore, guardamos nossas coisas e nos preparamos para a próxima aula de educação física.

Levantamos e caminhamos em direção aos vestiários, conversando animadamente sobre a corrida que estava por vir. Takeshi, com sua típica inocência e distração, nos acompanhou até a entrada do vestiário feminino, imerso na conversa.

Rina percebeu primeiro e, com um movimento rápido, parou e colocou sua mão no peito de Takeshi para impedi-lo de continuar.

— Ei! O que você acha que está fazendo? Quer entrar no vestiário feminino junto com a gente? — disse ela, com um tom sério, mas com um brilho divertido nos olhos.

Takeshi parou abruptamente, seus olhos se arregalaram ao perceber onde estava. Ele colocou o braço atrás da cabeça, rindo envergonhado.

— Nossa! Nem percebi que estava entrando junto com vocês! — disse ele, rindo. — Acho que... eu vou indo.

Ele saiu correndo, ainda rindo, em direção ao vestiário masculino. Eu e Rina observamos enquanto ele se afastava, e depois trocamos olhares e rimos discretamente.

— Takeshi sempre foi assim, tão desligado. — disse Rina, balançando a cabeça. — Mas eu acho que é disso que gosto nele. — Continuou enquanto seus olhos se perdiam ao longe.

Sorri, concordando. Takeshi tinha essa capacidade de nos fazer rir, mesmo nas situações mais tensas. Seguimos para os armários do vestiário para trocar de roupa.

O vestiário feminino era um espaço amplo, com fileiras de armários metálicos, bancos de madeira e espelhos grandes nas paredes. O som das conversas e risadas das outras garotas preenchia o ambiente. O cheiro de desodorante e produtos de higiene pessoal pairava no ar, misturado com o perfume das flores do

lado de fora, trazido pelo ar fresco que entrava pelas janelas abertas.

Rina abriu seu armário e tirou seu uniforme de educação física: uma camiseta branca e shorts vermelhos. Eu fiz o mesmo e me vesti. Durante a nossa preparação, conversávamos sobre a competição que estava por vir.

— Será que temos chance de ganhar essa corrida?

— perguntei, tentando soar confiante.

— Claro que sim! — respondeu Rina, com um sorriso determinado. — Temos que nos esforçar. E lembre-se, é uma semana de almoço grátis!

Rimos juntas enquanto terminamos de nos arrumar.

Depois, saímos do prédio principal e caminhamos em direção ao pátio. Ao chegarmos no campo de educação física, onde todos os alunos já estavam reunidos, eu pude ver o céu claro, com algumas nuvens dispersas. O sol brilhava intensamente, aquecendo cada vez mais o ambiente. O campo era amplo, com uma pista de corrida em volta de uma área gramada no centro. Ao longe, as montanhas de Hokkaido se erguiam majestosamente, completando a paisagem.

Takeshi estava à nossa frente, aquecendo e esticando os braços com entusiasmo. Assim que nos avistou, acenou animado.

— Ei, Miyo! Rina! Vamos lá! — disse ele, com um sorriso radiante.

— Vamos! — respondemos em uníssono, enquanto nos juntamos a ele.

Os murmúrios dispersos dos alunos foram gradualmente diminuindo quando o professor de educação física, Sr. Yamada, se aproximou. Ele era um homem alto e robusto, com um bigode bem aparado, óculos escuros e uma expressão sempre séria, mas justa.

— Atenção, todos! — anunciou ele, com a voz firme. — Hoje, teremos uma atividade especial. Vocês serão divididos em grupos de quatro, e cada grupo competirá numa corrida de resistência. O objetivo é simples: a equipe que completar 10 voltas ao redor do campo primeiro vence a corrida. E, como incentivo, a escola oferecerá uma semana de almoço grátis para a equipe vencedora. Então, deem o seu melhor!

Os alunos começaram a sussurrar entre si, animados com a competição. Sem mais delongas, o Sr.

Yamada começou a chamar os nomes dos alunos para formar os grupos.

— Grupo 1: Akane, Kenta, Kenji e Haruka. —
Anunciou ele.

Ao ouvirem seus nomes, os alunos chamados se aproximaram e começaram a se alongar para a corrida.

— Grupo 2: Miyo, Rina, Takeshi e Hiroshi. —
Continuou o professor.

Ficamos incrédulos. Hiroshi, do outro lado, também ficou surpreso e começou a resmungar com seus amigos, claramente insatisfeito com a situação.

— Ah, sério? Vou ter que correr com esses pobres?
— disse ele, cheio de desdém.

O Sr. Yamada notou a reação de Hiroshi e se aproximou.

— Hiroshi, é assim que os grupos foram formados. Quero que todos deem o melhor de si. — disse o professor, com firmeza.

Hiroshi resmungou, mas acabou se aproximando de nosso grupo. Takeshi manteve uma expressão neutra, enquanto eu me encolhia um pouco. Rina, por outro lado, parecia estar prestes a explodir de raiva.

— Eu não me importo com o prêmio. Não preciso da caridade da escola. Mas vou vencer de qualquer jeito, porque odeio perder. — disse Hiroshi, com um tom de sarcasmo e se dirigindo a nós. — E, por benevolência, darei comida para vocês.

Ao ouvir isso, Rina ficou vermelha de raiva e instintivamente cerrou os punhos.

— Seu... — começou ela, mas Takeshi a interrompeu, tentando acalmá-la.

— Rina, calma. Vamos nos concentrar na corrida. — disse ele, com um tom conciliador.

O Sr. Yamada continuou a formar as outras equipes, chamando os nomes dos alunos e organizando-os em grupos. O sol estava alto no céu, e a excitação no ar era quase tangível. Quando todas as equipes finalmente estavam formadas, o professor dirigiu-se aos alunos novamente.

— Todos preparados? — perguntou ele, olhando para cada grupo.

Hiroshi já estava na posição para começar a corrida, com uma expressão determinada. Nós três nos posicionamos ao lado dele com um certo desconforto, pois cada um de nós lutava contra suas próprias emoções

e expectativas naquele momento. O chão de terra batida da pista de corrida estava aquecido pelo sol, e podíamos sentir o calor abrasador subindo pelos nossos calçados.

Hiroshi virou a cabeça para nós e, com um tom um pouco menos arrogante do que o habitual, disse:

— Vamos dar uma trégua e focar em vencer, pelo menos por agora. — disse ele, com uma seriedade que eu não estava acostumada a ver.

Rina, ainda fervendo de raiva, canalizou sua fúria em força nas pernas, determinada a dar o seu melhor. Takeshi, sempre otimista, sorriu e disse com entusiasmo:

— Vamos nos esforçar!

Eu, embora um pouco mais acanhada do que de costume, murmurei:

— Vou me esforçar também...

Subitamente, o apito do Sr. Yamada tocou, e todos os grupos começaram a correr ao mesmo tempo. O chão tremia sob os pés dos alunos, levantando poeira e folhas secas. A adrenalina pulsava em minhas veias enquanto eu me esforçava para manter o ritmo ao lado dos meus colegas.

Nossa equipe começou forte. Hiroshi, determinado a vencer, tomou a dianteira com passos largos e seguros. Rina e eu seguimos logo atrás, enquanto Takeshi se esforçava para acompanhar o ritmo, ficando um pouco mais atrás.

A primeira volta foi relativamente tranquila. Todos os grupos mantinham um ritmo constante, e os murmúrios dos espectadores e dos alunos que não participavam podiam chegar até nós. O sol brilhava intensamente naquela hora, o que aumentava o desafio de correr sob o calor.

Na segunda volta, alguns grupos começaram a desacelerar, mas Hiroshi continuava firme, sua determinação era visível em cada movimento do seu corpo. Rina e eu conseguimos nos manter também, mas Takeshi começava a mostrar sinais de cansaço.

Na metade da terceira volta, vi Takeshi ofegante e com a respiração irregular. Ele tentou se manter no ritmo, mas finalmente, em um esforço extenuante, tropeçou e caiu no chão, exausto.

— Vamos vencer pelo Takeshi! — gritou Rina enquanto corríamos, tentando incentivar a mim e a si mesma.

Apesar do ânimo momentâneo, na quinta volta, Rina começou a perder suas forças. Seus passos, antes vigorosos, tornaram-se trôpegos. Ela tentou se manter em pé, mas finalmente desacelerou e caiu de joelhos.

— Miyo, agora está nas suas mãos! — gritou Rina, com a voz cheia de expectativas em mim.

Olhei para trás e vi meus amigos no chão. Meu coração se apertou, mas eu sabia que precisava continuar. Hiroshi estava um pouco à frente, num ritmo forte e constante. Acelerei para alcançá-lo e, quando o fiz, ele perguntou sem fôlego:

— O que aconteceu com o resto do time?

— Eles não aguentaram... somos só nós dois agora. — Respondi, ofegante.

Hiroshi balançou a cabeça em frustração, mas a determinação continuava visível em seus olhos.

— Precisamos continuar. — disse ele, com firmeza.

Continuamos a correr, lado a lado, liderando a corrida. Porém, na sétima volta, um aluno de outra equipe, Kenta, o mais atlético da sala, passou por nós com facilidade, sua forma física superior acabou se destacando no final da corrida.

— Hiroshi, ele está nos passando! — comentei, alarmada.

A raiva e a determinação brilharam nos olhos de Hiroshi. Ele acelerou, e eu fiz o mesmo para acompanhá-lo. A dor e a exaustão eram intensas, mas a vontade de vencer era ainda maior.

De repente, em plena velocidade, meu pé encontrou uma pequena depressão no chão, e eu tropecei violentamente. Senti uma dor aguda no joelho e no tornozelo enquanto caía, e um grito de dor escapou dos meus lábios. O impacto no solo foi brutal; eu pude sentir a pele do meu joelho ser rasgada. Lágrimas de dor e frustração inundaram meus olhos instantaneamente.

Rina e Takeshi, que estavam um pouco distantes, sentados na grama e bebendo água, ouviram meu grito. Eles se levantaram imediatamente, seus rostos foram tomados pela preocupação, e logo começaram a gritar meu nome:

— Miyo! Miyo! — gritavam, com a voz cheia de urgência e desespero.

Hiroshi, ao ouvir os gritos, olhou para trás enquanto continuava correndo. Viu-me caída e machucada, e tal situação serviu de gatilho para suas

memórias traumáticas. Enquanto corria, ele lutava contra seus próprios pensamentos, pois sabia que precisava vencer. Em toda sua vida, fora ensinado a não parar, a não se importar com os outros quando seu objetivo estava em jogo. Seu pai sempre fora implacável sobre isso.

De repente, sua mente regrediu para uma memória da infância. Ele estava no parque brincando com um pequeno gatinho sob a supervisão de seu pai. O felino, que brincava alegremente, de repente caiu de uma árvore ao tentar subir, e quebrou a patinha. Hiroshi, então criança, correu para ajudá-lo, e as lágrimas brotaram em seus olhos cada vez que ele se aproximava.

Seu pai que olhava de longe, ordenou que eles fossem embora com um tom imperativo.

— Mas pai, precisamos ajudar o gatinho! — implorou o jovem Hiroshi, segurando o pequeno corpo trêmulo do animal em suas mãos.

— O gato não importa. Agora ele é apenas um peso. Você não deve se atentar a isso, Hiroshi. Deve seguir seu próprio caminho e se esforçar para sempre chegar ao topo. — respondeu seu pai, implacável.

Hiroshi, forçado a se levantar e ir embora com seu pai, olhava para trás repetidamente, sempre que o fazia, via o rosto desesperado do gatinho implorando por ajuda. Ele não conseguia segurar as lágrimas enquanto se afastava, enquanto seu pai permanecia firme e inabalável.

Quando sua mente voltou ao presente, Hiroshi sentiu seus olhos encherem de lágrimas. Ele viu em mim a mesma vulnerabilidade e necessidade de ajuda que vira no gatinho tantos anos atrás. O conflito entre os ensinamentos rigorosos de seu pai e a compaixão natural que ele sentia era esmagador. Ele pensou: “Preciso continuar para vencer. Preciso superar todos os desafios que aparecem em minha vida.”, mas a lembrança daquele pobre infeliz implorando por ajuda e a minha imagem, caída e machucada, eram agoniantes. Ele lutou com todas as forças internas, seu corpo corria automaticamente enquanto sua mente travava uma guerra.

Finalmente, quando a compaixão venceu, Hiroshi parou de forma repentina. Ele respirava rapidamente enquanto seus punhos cerravam e seus olhos se enchiam de lágrimas. Todos da classe ficaram surpresos com a

cena. Em um passo apenas, ele virou-se e correu de volta em minha direção. Ao chegar, abaixou-se, colocou-me em seus ombros e começou a correr com todas as suas forças de volta para a linha de chegada.

Todos ficaram abismados com a atitude dele. Ele nunca havia voltado para ajudar ninguém antes. A expressão de surpresa estava estampada no rosto de cada um que observava a cena em silêncio, pois foram paralisados pela incredulidade.

Rina e Takeshi, ainda se recuperando na grama, ficaram especialmente chocados. Ela, cuja feição costumava ser de raiva na presença de Hiroshi, agora mostrava confusão e surpresa. Ela mal podia acreditar no que estava vendo. Takeshi, apesar de sua habitual despreocupação, também parecia atônito, e seus olhos se arregalaram de surpresa.

Até mesmo eu, agora sendo carregada por Hiroshi, não entendia nada. A dor no joelho e tornozelo ainda pulsava, mas a surpresa sobrepujara o desconforto físico. Com a voz entrecortada, questionei:

— Por que está me ajudando?

Ele não me respondeu, pois estava concentrado demais na corrida, seu olhar feroz estava fixo no

caminho à frente. A expressão determinada em seu rosto era algo que eu nunca tinha visto antes.

— Estamos longe de alcançar o Kenta, Hiroshi...
— murmurei, tentando processar a situação.

Ele não respondeu novamente, mas a determinação em seu rosto se intensificou. Num ato heroico, ele concentrou todas as suas forças e começou a acelerar como ninguém jamais havia visto. Cada músculo do seu corpo parecia tensionado ao máximo, e seus pés batiam no chão com uma força e ritmo completamente sincronizados.

Hiroshi começou a se aproximar cada vez mais de Kenta, o atleta mais rápido da classe, que estava à frente. Quando ficaram lado a lado, Kenta ficou espantado ao ver seu rival correndo ao seu lado, mesmo carregando outra pessoa nas costas.

— Como... como você está fazendo isso? — perguntou Kenta, ofegante e incrédulo.

Hiroshi apenas gritou. Um som primal de esforço e determinação saiu ferozmente de sua garganta, como se o seu grito viesse das profundezas da alma. Lágrimas começaram a sair de seus olhos e a serem levadas pelo vento enquanto ele lembrava o que tudo aquilo

significava para ele. A imagem do gatinho ferido, de seu pai severo, o fato de eu estar sendo carregada em suas costas, tudo aquilo alimentava sua força. Ele acelerou mais ainda, mesmo que lutando contra a dor e a exaustão.

Incrivelmente, conseguimos ultrapassar Kenta, que ficou para trás, boquiaberto. Estávamos na curva final agora. O resto da classe, que já tinha desistido e se afastado, notou a nossa movimentação. Os alunos começaram a se levantar, surpresos, e a gritar na torcida. Os gritos de incentivo nos invadiram em uma onda de energia que parecia impulsionar Hiroshi e eu para a linha de chegada.

Quando estávamos prestes a chegar ao fim, começamos a saborear a vitória que parecia ao nosso alcance, mas para nossa infelicidade, Hiroshi tropeçou. Instantaneamente o mundo ao nosso redor pareceu desacelerar enquanto caíamos juntos. Sentimos a dureza do chão contra nossos corpos no impacto. A dor foi intensa, e o choque momentâneo nos deixou paralisados. Enquanto sentíamos o gosto amargo da derrota, Kenta passou por nós, cruzando a linha de chegada e vencendo a corrida.

O professor apitou, indicando que a corrida tinha uma equipe vencedora. Alguns alunos comemoraram a vitória de Kenta, mas a maioria ficou paralisada, observando a nossa situação. Estávamos deitados na areia, sujos e machucados.

Hiroshi, ao meu lado, com o rosto todo sujo, olhou para mim, com os olhos cheios de culpa.

— Desculpa, Miyo... Eu não consegui. — disse ele, com a voz quebrada pela emoção.

Senti meu próprio rosto se molhar com lágrimas, a dor física misturava-se com a dor emocional. Por um momento, meus pensamentos tomaram conta de mim. Lembrei-me da impotência que sentia em ajudar minha família, do medo constante de falhar. Mas ao vê-lo, machucado e vulnerável, algo dentro de mim se fortaleceu.

Até mesmo o professor, que observava tudo de longe, ficou de pé e retirou os óculos para ver melhor aquela cena inusitada. Seus olhos estavam arregalados de surpresa, e sua expressão sempre séria começara a se transformar em preocupação.

“Eu preciso ser forte”, pensei, “Não posso desistir agora.”. Juntei todas as minhas forças e

levantei-me com dificuldade. Caminhei até Hiroshi, mancando a cada passo devido ao tornozelo torcido. Peguei-o e ajudei-o a levantar.

— Precisamos terminar... juntos. — Murmurei, cheia de determinação.

Hiroshi me olhou, surpreso, enquanto via a resolução em mim. Com dificuldade, ele pegou minha mão e se colocou em pé. Ambos nos apoiamos nos ombros um do outro e caminhamos lentamente em direção à linha de chegada. A cada passo que dávamos, nossa luta contra a dor apenas aumentava, mesmo assim, nossos corações estavam alinhados em um objetivo comum.

A classe ficou em choque ao ver nossa coragem e determinação. A onda de torcida voltou com força total, sabendo que queríamos terminar a corrida de forma digna. Takeshi estava totalmente surpreso, e Rina, ao ver tudo o que estava acontecendo, desabou em lágrimas. A caminhada foi difícil, mas os gritos de incentivo de nossos colegas nos deram forças para continuar.

Todos os alunos estavam logo atrás da linha de chegada, aguardavam e gritavam ansiosamente por nós. Quando finalmente cruzamos a linha, a turma explodiu

em gritos de felicidade. Vários alunos correram para nos abraçar, para celebrar nosso esforço. O professor, ao presenciar tal fato, também sentiu uma pequena lágrima escorrer de seus olhos.

Enquanto eu e Hiroshi nos recuperávamos do tombo, ainda tentávamos assimilar o que havia acabado de acontecer. Alguns outros alunos começaram a cochichar. Comentários discretos, mas audíveis, surgiam por todo o campo.

— Quem diria que o Hiroshi ajudaria alguém assim... — Murmurou um colega mais distante.

— Ele deve estar tentando impressionar alguém...
— outro comentou, com um sorriso malicioso.

Rina, sempre direta, não perdeu tempo. Ao se aproximar, ela cruzou os braços e olhou de relance para Hiroshi, ainda sem entender completamente suas motivações.

— Não sei o que foi aquilo, mas foi inesperado, Hiroshi. — disse Rina, com uma mistura de curiosidade e ceticismo. — Talvez você tenha mesmo um coração.

Takeshi, por outro lado, tentava quebrar o clima tenso com seu humor de sempre.

— Hiroshi correndo com a Miyo nas costas? Nunca achei que fosse ver isso... Um verdadeiro cavaleiro... bem, exceto pela parte em que ele nos chama de "pobres" — Takeshi riu, tentando aliviar o desconforto.

Hiroshi, ainda claramente confuso, bufou, cruzando os braços e desviando o olhar.

— Não estou fazendo isso por vocês. E parem de me chamar de herói ou algo assim... — Ele retrucou, mesmo que a insegurança transparecesse. — Só não queria perder. E além disso... vocês ainda são pobres.

Rina estreitou os olhos, mas antes que ela pudesse retrucar, Hiroshi se afastou rapidamente, numa tentativa de esconder seu desconforto. Mesmo que suas palavras mantivessem o tom arrogante, era claro que algo dentro dele havia mudado.

— Um dia ele vai entender... — murmurei, com um suspiro.

Rina, sem paciência, balançou a cabeça.

— Bom, se ele voltar a ser o idiota de sempre, eu estou pronta para arrebentar a cara dele! — ela disse, dando um soco no ar.

Takeshi riu, e o tom leve da nossa conversa ajudou a dissipar o clima anterior. Aos poucos, todos voltamos à realidade da aula de educação física, mas a sensação de que algo significativo havia mudado continuava entre nós.

— Bem, pelo menos agora sabemos que correr carregando alguém nas costas não é meu talento oculto...

— Takeshi brincou, me arrancando uma risada.

Rina suspirou, revirando os olhos.

— Takeshi, sério? — disse, mas não pôde esconder um sorriso.

— O esporte sempre me faz refletir profundamente — ele respondeu com seu tom despreocupado.

Mesmo Hiroshi, que estava mais afastado, esboçou um leve sorriso, mas que rapidamente desapareceu, como se estivesse confuso com tudo o que acontecera.

Ele murmurou algo, visivelmente desconfortável:

— Vocês ainda são pobres...

A tentativa de manter sua fachada habitual soava menos convincente. Rina abriu a boca para retrucar, mas

antes que pudesse dizer qualquer coisa, o Sr. Yamada apareceu dizendo:

— Hiroshi, Miyo, vamos para a enfermaria. Vocês dois se machucaram feio.

Caminhamos juntos, eu e Hiroshi, seguidos de Rina e Takeshi. A presença dele ao meu lado me trazia uma estranha sensação de segurança, como se parte de mim ficasse confortável junto com ele.





Passamos o resto do dia na enfermaria junto com Rina e Takeshi, onde fomos cuidados pela enfermeira e descansamos por algum tempo. Quando o sinal finalmente tocou, nós quatro saímos de lá para ir para casa. Meus joelhos e tornozelos ainda doíam, mesmo que medicados, e Hiroshi também estava visivelmente machucado. Seus passos eram lentos e cuidadosos, e a expressão em seu rosto revelava seu conflito interno, como se ele estivesse revivendo a corrida e refletindo sobre suas ações.

O corredor branco e frio da escola estava quase vazio e os sons dos nossos passos ecoavam suavemente. Takeshi se aproximou de mim, segurando duas mochilas, enquanto exibia uma feição de preocupação e responsabilidade.

— Miyo, eu arrumei seu material e trouxe sua mochila. — disse ele gentilmente, com um sorriso leve. — E trouxe o material do Hiroshi também. Achei que ninguém mais faria isso por ele.

Hiroshi, que caminhava um pouco mais na frente, se virou e olhou para nós surpreso. Ele estava acostumado a ser autossuficiente, mas ali, naquela fração de segundo, vi um lampejo de vulnerabilidade em seus olhos. Ele parou por um momento, visivelmente surpreso com o gesto.

— Eu poderia ter ido buscar minha mochila. — Murmurou ele, tentando manter um tom neutro, mesmo assim, não conseguia esconder a gratidão que permeava suas palavras.

Depois, nós seguimos em direção à saída da escola, enquanto Hiroshi manteve uma certa distância, pois ele preferia andar um pouco mais afastado de nós. Ele parecia perdido em pensamentos, ao mesmo tempo que nós três tentávamos processar o dia agitado que tivemos.

Nos armários da saída, eu e Rina começamos a conversar enquanto trocávamos nossos calçados. Aquele lugar estava cheio de alunos fazendo o mesmo que nós, rindo e conversando animadamente depois de um dia cheio de surpresas. O som das risadas e das portas metálicas se abrindo e fechando era o que preenchia os

ouvidos, mesmo assim eu me sentia como se estivesse em uma bolha, isolada do burburinho ao meu redor.

— Rina... — perguntei.

— O que foi, Miyo? Você está bem? — ela respondeu, preocupada.

Suspirei profundamente enquanto meus dedos tremiam ligeiramente. Ela, ao perceber minha hesitação, franziu o cenho e se inclinou um pouco mais perto de mim, como se quisesse entender melhor o que eu estava sentindo.

— Estou confusa... depois da atitude de Hiroshi.
— Confessei, olhando para os meus sapatos enquanto terminava de calçá-los.

Rina levou sua mão atrás da cabeça, pensativa.

— Eu também não entendi a atitude dele. — disse ela, com um tom reflexivo. — Mas é bom ele ter te ajudado. Se ele voltar a te zoar, eu vou arrebentar a cara dele!

Sorri levemente, pois os comentários dos meus amigos sempre conseguiam me fazer sorrir, mesmo nos momentos mais difíceis.

Depois disso, saímos da escola. Eu, Takeshi e Rina caminhávamos juntos, enquanto Hiroshi ainda seguia à

frente, seus ombros estavam ligeiramente curvados como se ele estivesse carregando um peso invisível as nossas percepções. De vez em quando, ele olhava para trás na minha direção, mas rapidamente desviava o olhar, como se não quisesse ser visto ou reconhecido.

Naquele momento do dia, o céu ganhava tons de laranja e rosa enquanto o sol se punha lentamente. A cidade de Asahikawa era vibrante, com pessoas indo e vindo, os sons das nossas conversas e risos preenchiam o espaço ao nosso redor. As vitrines das lojas refletiam a luz suave do entardecer, e o aroma de comida fresca emanava dos restaurantes próximos. O ar fresco carregava um leve aroma de flores, misturado com o cheiro do asfalto quente.

Durante o caminho, senti que meus pensamentos ficaram turvos outra vez, então me aproximei de Takeshi e indaguei-o, assim como fiz com Rina.

— Takeshi, o que você acha que aconteceu com o Hiroshi hoje? — perguntei, quebrando o silêncio da caminhada.

— Não sei... talvez seja um sinal de mudança. — respondeu Takeshi, com um tom otimista. — Quem sabe ele está começando a perceber que pode ser diferente.

Rina bufou ao ouvir o comentário, mas não de raiva.

— Não sei... Hiroshi sempre foi tão arrogante. Mas hoje, ele mostrou um lado diferente. — Ela disse, pensativa. — Quem sabe?

— É... talvez. — Murmurei, ainda tentando processar tudo o que ocorreu e sem entender totalmente o contexto desse “Quem sabe?” dito por Rina, embora eu tivesse um significado para essa frase escondido dentro de mim em algum lugar.

Continuamos firmemente nossa caminhada até a estação. Eu e Rina seguíamos pela calçada, enquanto Takeshi, com sua atitude despreocupada e infantil, andava sobre o meio-fio, equilibrando-se para não cair na rua. O som dos nossos passos, das conversas e dos carros formava uma sinfonia urbana que, ao mesmo tempo, era caótica e animadora.

Depois de uns bons minutos andando e viajando de trem, finalmente cheguei à estação de Kyu-Shirataki. Como sempre, eu era a única a descer ali; meus amigos tinham desembarcado em estações anteriores. O trem parou suavemente, e as portas se abriram com um som pneumático. Desci lentamente, pois eu estava

começando a me render ao cansaço que tomava conta do meu corpo. A estação estava silenciosa e quase deserta, o que criava uma sensação de tranquilidade após um dia tão agitado.

Como de costume, me aproximei da guarita e lá encontrei o Sr. Nakamura já terminando seu turno. Ele sempre estava lá, sua presença constante trazia uma paz familiar para mim.

— Boa tarde, Sr. Nakamura. — Cumprimentei, tentando sorrir.

— Boa tarde, Miyo. Como foi a escola hoje? — perguntou ele, com um tom atencioso, enquanto ajustava seu boné.

As emoções do dia vieram à tona mais uma vez, e lágrimas começaram a se formar nos meus olhos.

— Foi um pouco... inusitado. — Respondi, com a voz tremendo.

Ele me olhou com preocupação e, sem dizer uma palavra, me puxou para um abraço. Enquanto estava envolta em seus braços, pude sentir o seu calor, e por um momento, toda a tensão e o peso do dia pareceram derreter. As lágrimas escorriam livremente, e eu me

permiti sentir o conforto e a segurança daquele momento, algo que eu não sentia muitas vezes.

— Vá para casa, Miyo. Seus pais devem estar esperando. — disse ele suavemente, com um tom paternal.

Engoli em seco e revelei algo que estava me consumindo por dentro.

— Minha mãe... ela teve que voltar para o hospital. Ela piorou outra vez. — disse, após as lágrimas finalmente caírem dos meus olhos.

Nakamura suspirou enquanto sua expressão se suavizava em um misto de tristeza e compaixão.

— Sinto muito, Miyo. — Ele fez uma breve pausa para olhar para o horizonte. — Sua mãe é uma mulher forte, e você também é. Lembre-se disso. — disse ele. Eu podia sentir suas palavras funcionando como um bálsamo para meu coração aflito.

Agradei a ele imensamente. Não era sempre que alguém me confortava logo após uma situação ruim acontecer. Então, depois de receber um pouquinho de ânimo do Sr. Nakamura, eu me despedi dele e comecei a caminhar para casa.

O caminho até meu pequeno vilarejo estava calmo, silencioso, e as estrelas começavam a brilhar no céu naquele momento. A solidão da noite que caía sobre mim me trazia paz depois de um dia tão conturbado. Mesmo assim, eu ainda me sentia inquieta. Também me lembrava do apoio dos meus amigos e da gentileza do Sr. Nakamura, e isso me ajudava sobremaneira e me dava forças para continuar.

Quando cheguei em casa, fui recebida apenas pelo silêncio. A escuridão era quebrada apenas pela luz suave que emanava do corredor, criando sombras longas e assustadoras entre os pilares do corrimão. O ar estava gelado, como se a ausência dos meus pais tivesse sugado toda a energia vital. E ainda assim, eu sabia que não poderia deixar isso me abalar.

Subi então as escadas para ir ao banheiro, e no corredor que levava até lá, notei a porta do quarto do meu irmão entreaberta. Algo chamou minha atenção, e quando espreeitei, vi uma cena que apertou meu coração. Yuto estava exausto, apoiado na escrivaninha do seu quarto, cochilando. A luz amarelada suave da lâmpada de estudo iluminava seu rosto adormecido. Ao ver essa cena, um sentimento profundo de amor familiar e

compaixão quase maternal me invadiu. Senti a necessidade de cuidar dele, de oferecer algum conforto em meio a toda a confusão e tristeza que estávamos vivendo. Aproximei-me silenciosamente, meu coração se compadeceu ao ver as marcas de cansaço em seu rosto jovem. Ele estava dormindo em cima de sua lição de casa, os cadernos e livros estavam espalhados pela mesa. Com cuidado, arrastei os materiais para o lado e notei algo que fez meu coração apertar ainda mais: a folha do caderno estava molhada com gotas de lágrimas.

Ver as lágrimas do meu irmão me comoveu profundamente. Meus olhos lacrimejaram instantaneamente, pois eu compartilhava a dor e o medo que ele também estava carregando. Eu sabia que Yuto estava se sentindo mal pela mamãe, e a pressão pertencente a tudo estava afetando-o tanto quanto a mim. Peguei um cobertor que estava jogado sobre a cama, e o cobri delicadamente onde ele estava. Ele se mexeu ligeiramente, mas não acordou. Enquanto o cobria, pensei em como ele deveria estar se sentindo, e prometi a mim mesma que, como irmã mais velha, eu daria suporte para meu irmãozinho. Eu precisava ser a

fortaleza na qual ele poderia se apoiar, especialmente nesse momento tão difícil.

Depois de garantir que ele estava confortável, afastei-me silenciosamente e fechei a porta do quarto com cuidado para não fazer barulho. Então continuei meu caminho até o banheiro, enquanto sentia profunda tristeza.

Meia hora se passou, e me senti um pouco mais relaxada após o banho quente. Meu estômago começou a roncar, certamente para me lembrar de que eu precisava fazer algo para comer, então desci até a cozinha para preparar um *ramen* instantâneo. Enquanto a água fervia, olhei para a sala vazia e silenciosa e senti brevemente a dor da ausência dos meus pais. Com meu pai no hospital acompanhando minha mãe, eu e Yuto estávamos sozinhos em casa.

Quando terminei de comer, rapidamente subi de volta para o meu quarto junto ao meu celular. Ao chegar, joguei-me na cama. Com o céu já escuro, o vento intermitente e gelado da noite entrava pela janela, fazia um redemoinho pelo quarto e bagunçava meus cabelos. Incrivelmente ele estava mais forte do que o normal, e eu podia ouvir as folhas das árvores lá fora se agitando

violentamente, como quando um vento intenso precede uma tempestade.

Suspirei e levantei-me para fechar a janela.

— Parece que vai chover outra vez... — disse, meio desanimada.

Depois de fechar a janela e as cortinas, voltei para a cama e comecei a mexer no celular, pois buscava algum escape para minhas preocupações. Eu rolava incessantemente pelo feed das redes sociais, tentando me distrair com as atualizações dos amigos e as novidades da internet. Enquanto eu estava imersa no mundo virtual, lá fora, as nuvens escuras se acumulavam, tornando a noite ainda mais sombria. O vento assobiava ao redor da casa, prenunciando algo fora do normal.

Não demorou muito para que eu sentisse o peso do cansaço me dominar. Meus olhos começaram a se fechar lentamente, e quando me dei conta, acabei adormecendo. Meu celular, que repousava ao lado do travesseiro, iluminou-se com uma notificação da defesa civil alertando sobre uma tempestade iminente, mas como eu já estava mergulhada no sono, acabei não vendo o alerta.

Para continuar, adquira o livro...